



CASTELLO DE BREDÁ.

Este castello, situado no departamento da Gironda, é cercado de largos e profundos fossos, e tem a figura de um polygono. As muralhas, cujos alicerces estão cobertos pela agua, são defendidas a oeste por uma grande torre orbicular, coroada de seteiras de trinta metros de altura. Uma das casas d'esta torre, construída, no principio do seculo xv, para servir de prisão, está abaixo do nivel da agua.

Chega-se ao castello por tres pontes levadiças, defendidas pelas torres e muralhas. Sobre o fogão de uma casa do primeiro andar, onde está a bibliotheca, vê-se um grande painel dos fins do seculo xv, que parece representar o acto da tomada da posse da Guienne por Carlos vii. Uma porta d'esta bibliotheca dá para a capella em que João de Lande, senhor de Breda, foi autorisado, por bulla de Bonifacio ix, a fazer celebrar missa e administrar os sacramentos.

Montesquieu nasceu n'este castello, a 18 de Janeiro de 1689; e ahí compoz parte das suas obras. Ainda se mostra o seu quarto, os moveis, e o fogão, gasto, diz-se, pelo roçar dos seus pés.

AS CATACUMBAS DE S. PEDRO.

As catacumbas de S. Pedro entram na ordem dos mais admiraveis trabalhos que a mão do homem tem apprehendido. Principiando o subter-

raneo nas portas da cidade de Maestricht, vão perder-se por baixo das montanhas do Meusse, e chega até a cidade de Liège.

Nada mais mysterioso, nada mais imponente que este immenso subterraneo, onde se encontra uma immensidade de ruas e praçasinhas. Cavada pelos primeiros habitantes da provincia para extrahirem pedras para os edificios, foi aquella caverna um passadiço vulgar, antes do trabalho dos seculos a converter n'um objecto de assombro e admiração.

A sua origem e data perdem-se na noite dos tempos. Os aldeãos do Meusse contam curiosas tradições e historias, mais ou menos horriveis, que se prendem com a existencia d'este largo e tenebroso caminho. N'estas narrativas toma o diabo a sua competente parte; porém fora das lendas, e contos inventados pelo medo e pela ignorancia, ninguem sabe fixamente a epoca em que se construíram tão gigantescas profundidades.

A Roma subterranea não é tão curiosa e poetica como a caverna de S. Pedro. A maior parte das catacumbas que ha no mundo tiveram a mesma origem que a de Maestricht. Formadas com o fim de extrahir materiaes, converteram-se depois em cemiterios. O subterraneo de S. Pedro recebeu nas suas entranhas milhões de viajantes que encontraram a morte nos seus immensos labyrinthos. Em Catanea, Palermo, Agrigento, Siracusa e Napoles, é que se encontram os mais anti-

JUNHO, 27, 1857.

gos subterraneos. Nada ha tão extenso e magestoso como as excavações seculares d'estas cinco cidades da Italia. As catacumbas de Napoles são maiores do que as de Roma, tanto em extensão, como em largura. Quasi todas teem tres andares de altura de vinte palmos, pelo menos.

Não sendo tamanhas as proporções do subterraneo de Maestricht, não é comtudo menos gigantesco que o de Napoles. A excavação compõe-se só de um andar, porém apesar d'isso contém mais de cento e vinte ruas, e a sua vastidão é de duas leguas e meia. Tendo-se feito esta excavação n'uma epoca mui afastada (segundo dados, ha dois mil e trezentos annos) a maior parte das ruas formam um labyrintho tão intrincado, que internando-se uma pessoa no seu recinto carecerá de muitos annos para encontrar a saída.

Serve de entrada á caverna de S. Pedro uma excavação natural de cinquenta e dois pés de largo, e quarenta e quatro d'alto. As galerias, talladas na rocha viva, são irregulares. A direita e á esquerda da parede ha duas fendas symmetricas, cujo fundo apresenta um cahos tenebroso e horrivel. Todas as ruas que crusam o subterraneo vão parar a estas duas saídas. A temperatura d'este logar, graduada pelo thermometro de Reaumur, é sempre de doze graus acima de zero. Abysmos sem fundo, e precipicios espantosos rodeiam o estreito caminho que conduz a esta mansão de silencio e morte. O ecco da voz perde-se na immensidade das altas abobadas, e a sua profunda escuridão causa pavor aos mais valorosos espiritos.

O desejo de encontrar o fim d'estes labyrinthos tem attrahido áquellas galerias homens emprehendedores. A maior parte saíram sem encontrar o resultado, e outros pereceram no seu sondavel abysmo. O subterraneo tem uma funebre celebridade, pois os curiosos a cada passo estão expostos a perder a vida, e morrer nas trevas. Os guias em quanto vão guiando com os archotes aos visitantes, contam-lhes mil historias horriveis a respeito de viajantes perdidos nas galerias, começando sempre a narração pela passagem mais tetrica. Assim conseguem dar maior prestigio áquelles abysmos, e ás vezes imaginam sanguinolentos dramas capazes de eriçar os cabellos aos pobres curiosos.

Entre as historias contadas pelos guias ha algumas que merecem credito: o tragico fim de quatro frades mortos n'este dominio das trevas, é verdadeiro: «Estes quatro religiosos que pertenciam ao convento de Selavande, situado na escarpa da montanha de S. Pedro, conceberam o projecto de edificar uma capella no fundo do subterraneo, onde grande parte dos habitantes costumavam passar o inverno por causa da agradável temperatura d'aquelle logar. Na epoca d'estes acontecimentos havia uma devastadora guerra civil, e os pobres trabalhadores não tiveram mais remedio que refugiar-se nas cavernas, levando as suas provisões. Estes infelizes aldeãos tinham azeite para se alumiaarem, legumes, fa-

rinhas, aveia, e forragens, e no subterraneo fizeram uns fornos para cozer o pão. Assim podiam ali viver muitos mezes. Vendo os religiosos que faltava um templo onde celebrar o santo sacrificio da missa e officios divinos, conceberam a idéa de edificar a capella. Com este piedoso objecto percorreram muitas grutas para a escolha do sitio mais conveniente; porém não tendo querido penetrar no labyrintho os dois homens que lhes serviam de guias, valeram-se de um meio engenhoso, que os gregos empregam com frequencia quando se querem internar nas profundidades de um abysmo desconhecido. Ataram na ponta de uma rocha a extremidade d'um fio, e providos d'um farto novelto, continuaram andando. Depois de percorrerem diversos caminhos chegaram a uma especie de praça, onde não penetrara ainda pé humano. Depois de debuxarem com carvão n'uma das rochas o frontispicio da plataforma de S. Pedro vista do Meusse, no ponto onde se descobre o convento de Selavande, e de escreverem a data da sua descoberta, dispozeram-se a voltar, e então conheceram, com terror, que o fio estava partido.

«Durante o caminho tinham consumido as provisões e os fachos. Em tão afflictiva situação tomaram o partido de se encommendarem a Deus. Por dois dias andaram errantes por aquelles espaços sem limites; suas vozes perderam-se n'aquella immensidade, e as mãos não encontravam senão rocha ao procurarem novos caminhos. Tudo foi inutil, e para cumulo de infelicidade morreram separados uns dos outros, abatidos pela fadiga, extenuados de fome, soffrendo uma horrivel agonia sem poderem dar-se o ultimo adeus.»

Ao cabo de oito dias foram encontrados os cadaveres em diversos pontos do subterraneo.

A.

OS BALKANS.

Os sombrios e aridos desfiladeiros dos Balkans são ainda hoje tão impenetraveis como na epoca em que Dario os atravessou do sul ao norte, quinhentos annos antes da era christã.

Ha seculos que o fertil Delta, que se estende por entre os Karpatas, os Balkans, e o mar Negro, permaneceu na atonia, e os seus immensos recursos quasi que ficaram desconhecidos das potencias europeas; e, comtudo, a natureza dotara ricamente estas magnificas regiões, e o Danubio offerencia aos seus productos uma saída facil para todas as partes do mundo.

A sorte fadou estas planicies para servirem a todos os povos de campos de batalha; tem sido devastadas pela guerra em todas as grandes epocas da historia. Assim, os seus habitantes, longe de se queixarem das elevadas montanhas em que se encerram, mais as consideram como um baluarte contra a invasão, do que como obstaculo ás suas relações commerciaes.

Isto explica o motivo porque os Balkans são tão pouco conhecidos, e porque conservam o seu estado primitivo. O celebre historiador turco Her-
Von-Hammer, reduz a sete os desfiladeiros da cadeia principal; porém uma memoria que ha pouco tempo se leu na sociedade geographica de Londres augmenta muito o seu numero.

O autor d'este documento, o general Jochmus, antigo ministro dos negocios estrangeiros, diz que para reconhecer toda a cadeia desde o cabo Enish (*fnis Hoemi*) até Tirnova, situado ao pé da montanha entre Schibka e Dransva, a atravessou sete vezes em diferentes sentidos; a saber: de Misidria a Sudshib, d'ahi a Achly, de Achly a Dobral, de Dobral a Carnabat, de Carnabat a Kasan, de Kasan a Selimneh, de Selimneh a Tirnova. Assim procedeu tambem a respeito da pequena cadeia de Hoemus, crusando-a desde Tirnova a Osmanbazar, de Osmanbazar a Kasan, de Kasan a Czalikavak, de Czalikavak a Koprikoi, de Koprikoi a Schumla, de Schumla a Paraivadi, de Paraivadi a Varna.

O ponto mais elevado da cadeia, pelo outro lado de Monastirkoi, é de dois mil pés, e a passagem está a mil e oitocentos pés sobre o nivel do mar, na direcção de Bana, a quatro horas de Messenria, aonde se chega, atravessando bosques, por caminhos de serventia ás carretas que transportam lenha e ferro a Messenria, etc.

Schumla, collocada ao pé dos Balkans, é uma posição estrategica mui importante, fortificada pela natureza e pela arte, e tem augmentado muito em meios de defesa. Os turcos chamam-lhe Ghazi (a victoriosa). Esta cidade é a chave do valle, que jaz entre os Balkans e o mar: domina a principal passagem da cadeia, e é, juntamente com Rutschuk e Silistria, o caminho de Constantinopola.

Schumla contém trinta a trinta e cinco mil habitantes, e occupa uma area de duas a tres milhas de longitude, e uma de latitude. Está edificada ao pé de uma montanha, de seiscentos a setecentos pés de altura. Tem bellas mesquitas, espaçosos quartéis, armazens e lojas em grande numero. Já não existe a maior parte das antigas trincheiras, porém a montanha que protege a cidade é de difficil accesso, e n'ella se apoiam as fortificações construidas á europea.

Os fortes, reductos, e baluartes que tem, não só a defendem, como a tornam temivel. Os novos trabalhos que se fizeram agora fecham os desfiladeiros que podem conduzir ao acampamento. As mesmas precauções se adoptaram a respeito do caminho que dá accesso á grande passagem dos Balkans, distante trinta milhas de Schumla.

A MUSICA ENTRE OS ANTIGOS.

Os gregos attribuiam a Dionisio o principio da musica; porém Eusebio remonta-a aos tempos de Cadmo, certificando que os inventores

foram dois irmãos chamados Ceto e Amphion. Solino julga que foi introduzida na Grecia pelos ilheos de Candia. Polibio concede esta honra aos Arcades, e Diodoro attribue a Mercurio a invenção das vozes da harmonia. Isidoro certifica que a casualidade fez descobrir a Pitagoras as primeiras notas musicas no som dos martellos e na vibração das cordas retezadas. Comtudo os modernos attribuem a sua introdução a Guido de Arezzo.

Atheneo refere que os Arcades tinham por lei aprender a musica desde meninos para cantarem os hymnos em louvor de Deus, segundo as regras dictadas pelos musicos Timoteo e Filoseno. Estava tão acceito o canto entre os gregos, que segundo Cicero, o celebre Temistocles foi tido por indouto, só por haver recusado n'um convite o canto, com acompanhamento da lyra. Epaminondas foi um excellente musico.

Deve-se a esta affeição á harmonia o proverbio grego citado por Quintiliano, segundo o qual os ignorantes se consideravam longe do trato das graças e das musas. O severo Lycurgo aconselhou-a aos seus adustos espartanos. Platão julga que a musica é necessaria ao homem politico, e Homero diz que Achilles cantava harmoniosamente os meritos e a gloria dos heroes. O astrologo Ptolomeu refere que os antigos tinham o louvavel costume de appacar as suas irritadas divindades com cantos e musica. Cicero e Boecio contam que o philosopho Pitagoras acalmou a loucura de um mancebo com o canto e com a suavidade de um instrumento. Teotrasiro e Aulo Gelvi julgam que a musica é sufficiente para acalmar a dôr da gota. Empedocles diz que obrigou a acalmar com a suavidade do seu canto um hospede seu, n'uma occasião de colera. Plutarco conta que o musico Timoteo exasperava, a seu bel prazer, com o canto phrygio o animo de Alexandre o Grande; e o mesmo historiador elogia a extraordinaria melodia da voz de uma dama por nome Lamia, que com seus cantos chegou a enternecer Demetrio, rei da Macedonia.

Entre os antigos eram tidos por grandes musicos Terprando que, segundo Eusebio, vivia na Olympiada 33, Agenor de Mitilene, Alcidas discipulo de Gorgias Leontino, e Antigenes, que excitou Alexandre para a guerra contra Dario Codomano, rei da Persia. Ismenias, celebre musico de Tebas, feito prisioneiro, foi apresentado a Architas, rei dos scitas. Irritado o principe pela admiração com que os seus barbaros vassallos ouviam o som da flauta, tocada por Ismenias, certificou, cheio de colera, que preferia o relincho do seu cavallo áquellas harmonias. Todos os que o ouviram zombavam d'elle.

O monge inglez Heos Stephanus, autor da vida do bispo Vilfrido, era um excellente musico; e acredita-se que Euchiriades foi no seculo VIII o primeiro que escreveu um tratado sobre musica. Nos tempos barbaros foram celebres Theon, Alipio, Isacio, Apuleyo e Boecio.

Epigone, mathematico, inventou um instrumento musico, que de seu nome se chamava na Grecia Epigonion, e Theodoro, pae do famoso tribuno e orador Isocrates, que vivia pelos annos 330 da fundação de Roma, inventou varios instrumentos, cuja industria lhe valeu grandes riquezas.

O historiador Mariano diz, que em muitas cidades gregas se publicavam as leis, acompanhando os pregões com a musica. Refere Thucydides, que os lacedemonios entravam em combate ao som de citharas e lyras. Tirteo reanimou o valor dos espartanos na guerra de Messenia com o som da flauta.

Os lidios marchavam ao compasso da musica. Os gétas apresentavam os seus embaixadores de paz acompanhados de um tangedor de cithara.

Socrates, tão severo como profundo philosopho, aprendeu a tocar lyra na idade de setenta annos. Cayo Graccho, um dos revolucionarios mais impetuosos da republica romana, quando fallava ao povo, tinha atraz de si um escravo, que com a flauta lhe dava a intonação necessaria para modular a voz com mais graça e doçura.

Finalmente, entre os gregos conheciam-se varios methods de canto, sob as denominações de Hiarcio, Elio, Jonico, Hipermixolidio, Hipodomio, e outros, cujo numero chegava a quinze.

Na idade media escreveram sobre a musica Gregorio Tolosano, Angelo Policiano, João Thomaz Phrygio, Olomaro Luscínio, Pedro Aroon, João Maria Lanfranco, Jacobo Vercher, João Froschio, Ochelem, e Abusnoi.



O PAGODE DE BUDHA EM KAKODAD.

Sobre o budhismo e seus sectarios já por vezes temos fallado n'este semanario, e dado alguns desenhos de seus monumentos e architectura religiosa. A vista d'este pagode de Kakodad, tomada do lado do cemiterio, é devida a um official de marinha embarcado na fragata franceza *Virginia*, o qual tirou outras de varios pontos das costas do Japão, que este vaso de guerra tem ultimamente visitado. A *Virginia* faz parte da expedição mandada pela França áquelles mares, não sómente para exploração e para rectificação dos muitos erros que se notavam nas antigas cartas geographicas, como tambem para promover conjuntamente com as outras potencias maritimas a abertura de alguns portos japonezes ao commercio da Europa e da America, e tambem operar de combinação com

a esquadra ingleza, afim de obrigar a China a dar satisfação dos attentados commettidos por subditos do celeste imperio contra europeus, especialmente em Cantão e immediações. Já em Shangae a tropa de guarnição e a marinagem dos dois navios, *Jeanne d'Arc* e *Colbert*, tiraram brilhante desforra. No dia 6 de Janeiro do corrente travou-se uma grave luta entre aquelles e os chinas insurgentes; tres mil d'estes foram derrotados com perda de perto de quatrocentos, pela gente das supracitadas embarcações, que além d'isso apeou e inutilisou toda a artilheria que os chinas tinham collocada nas muralhas; do que resultou infundir-lhes terror, e fazel-os mais prudentes e respeitadores da bandeira franceza.

O ÚLTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Durante a amnistia todas as hostilidades cessaram; mas faziam signaes nos cimos das montanhas, e o fogo d'estes devia ser considerado como um novo appello ás armas. Era isto que esperavam agora os oito homens da vigia.

— É quasi noite, disse impaciente o homem do manto de velludo, e não apparece o signal. Terá o Norfolk accitado as nossas condições? É impossivel. O ultimo mensageiro do nosso acampamento em Scansty, trouxe a noticia que as unicas propostas que fazia o duque era dar perdão da parte do rei a todos os rebeldes, exceptuando dez pessoas, seis nomeadas e quatro em branco.

— E serieis vós um dos nomeados, senhor abbade? perguntou um monge.

— João Paslew, abbade de Whalley, era o primeiro nome da lista, respondeu o outro com um sorriso, depois seguia-se Guilherme Strafford, abbade de Salley, depois Adão Sudtiny, abbade de Jervaux, depois o nosso chefe Roberto Aske, e tambem João Eastgate, monge de Whalley.

— Como, senhor abbade, exclamou o monge, o meu nome não era esquecido?

— Não, respondeu o abbade. E o nome de Guilherme Haydocke era o ultimo da lista.

— Que tyranno! murmurou o outro monge. Mas estas condições não podem ser acceitas?

— Certamente que não, respondeu Paslew. Foram rejeitadas com desdem. Mas as negociações foram continuadas pelo Sir Ralph Ellerker e Sir Robert Bowas, que deviam pedir da nossa parte o perdão para todos, a convocação de um parlamento, e de tribunaes de justiça em Yorck; a restituição da princeza Maria aos seus direitos de successão ao throno; o restabelecimento da jurisdicção do papa, e a de nossos irmãos nos seus mosteiros. Mas isto nunca hão de conceder. Com o meu consentimento não haveria este armisticio. Nós perdemos com a demora, mas assim ó quizeram os senhores arcebispo de Yorck, e lord Darcy. A opinião d'elles tem mais peso do que a do abbade de Whalley, ou se o quizerdes do conde da Pobreza.

— É esse titulo ironico que é causa de todo o resentimento do rei contra vós, senhor abbade; respondeu o padre Eastgate.

— Assim pode ser, disse o abbade. Tomei-o das mãos de Cromwell e dos commissarios ecclesiasticos, que tem reduzido á miseria a nossa Igreja, e milhares dos nossos irmãos a mendigar, ou a morrer á mingua. E os miseraveis a quem davamos de comer e agasalho, não estão com fome, e sem terem aonde descansar? E os doentes que soccorriamos, não teem morrido abandonados pelas estradas? Eu estou á testa dos pobres de Lancashire para remediar seus males, por isso me intitulei conde da Pobreza. E não achaes que fiz bem?

— De certo, senhor abbade; respondeu Eastgate.

— E não é só a Igreja que hade soffrer, tornou o abbade; mas todo o reino, se os designios do monarcha, e dos seus hereges conselheiros tiverem bom exito. Cromwell, Audeley, e Rich, fizeram bem em mandar que nenhuma creança se baptisasse sem pagar tributo ao rei; que nenhum homem que possua só vinte libras de renda possa comer pão de trigo, carne de porco e gallinha, sem pagar tributo; que todas as terras lavradas tambem o paguem; assim fica a Igreja arruinada, os pobres roubados, e todos padecem para engordar o rei e encher os seus cofres.

— Isso não pode ser serio, observou o padre Haydocke.

— É tão serio que ninguem tem vontade de rir, replicou o abbade; como o não terão tambem os conselheiros do rei, do conde da Pobreza em pouco tempo. Todo o paiz desde o Tweed até o Humber, e desde o Lune até o Mersey, está por nós, e a nossa causa hade vencer.

— Deus assim o queira, disse o padre Eastgate; mas temos muitos e poderosos inimigos, e tivemos hoje noticia de que o conde de Derby estava juntando as suas forças perto de Preston, com tenção de nos atacar.

— Que venha e será corajosamente recebido, respondeu Paslew; a abbadia está forte e bem defendida. Mas a noite está escura, e o signal não apparece!

— Pode ser que uma cheia no rio Don impedisse o nosso exercito de atravessar, disse Haydocke; ou então aconteceu algum desastre ao nosso general.

— Nada; supponho impossivel a ultima conjectura, respondeu o abbade. Roberto Aske foi escolhido pelo ceo para nos salvar; assim o diz a prophecia.

— E é sobre essa prophecia que se fez a canção que cantam hoje peregrinos da Graça, disse o padre Eastgate. Mas o ultimo verso foi-lhe accrescentado pelo Nicholau Demdike. Ouvi-lho eu cantar debaixo das janellas do mosteiro, ha dias.

— O Nicholau Demdike de Worston? disse o abbade: aquelle cuja mulher é bruxa?

— O mesmo; respondeu Eastgate.

— Assim lhe chamam, é verdade, mas não é; redarguiu um couteiro que escutara attento esta conversa. Acredite-me, senhor abbade, Elizabeth Demdike é muito bonita, e moça de mais, para ser bruxa

— Estás embruxado por ella, Cuthbert, disse seccamente o abbade. Hasde fazer penitencia para te salvares de maus olhados. Elizabeth Demdike é uma celebre e conhecida bruxa, e testemunhas que não podemos deixar de acreditar, tem-na visto assistir a um congresso do demonio, n'esta mesma montanha. Deus nos defenda! E é por isso que pronunciei contra ella a sentença de excommunhão, e prohibo a todo o meu clero o baptisarem a sua filha.

— Ai! é verdade, e bem lhe tem custado a ella, coitada! respondeu Cuthbert.

— Então que se arrependa, ou pode-lhe sobrevir maior castigo, disse Paslew zangado. *Sor-tilegam non putieris vivere* diz a Lei Levitica. E se houverem provas contra ella hade morrer. Que essa mulher agrada á vista confesso, mas a sua formosura é de filha do peccado. Conheceis o homem com quem é casada, ou se diz casada? Elle não é d'estes sitios.

— Não sei nada a respeito d'elle, senhor abbade, respondeu Cuthbert, senão que veio para aqui ha um anno, e que alcançou a mais bonita rapariga de Lancashire, e mesmo de toda a Inglaterra.

— Que qualidade d'homem é elle? perguntou o abbade.

— Tem cara de poucos amigos, respondeu Cuthbert; é trigueiro, e possui uns olhos que fazem impressão. Mas ninguem lhe leva a palma em correr, e em jogar o socco. Traz quasi sempre comsigo um cão preto, e desconfio que se dedica, de vez em quando, á caça dos veados.

— Havemos de olhar por isso, tornou o abbade; mas é estranho não saberes d'onde elle vem!

— É um mal creado que não consente que se lhe façam perguntas, e responde mal, quando não nos apalpa com o cajado as costellas.

— Havemos de achar um meio para o fazer fallar, disse o abbade.

— Oh! elle sabe fallar e muito bem quando quer, observou o padre Eastgate, apesar de estar quasi sempre calado; mas não usa da linguagem do povo, e o seu porte é arrogante como o de um homem que houvesse feito bons serviços no campo da batalha.

— Excitaste a minha curiosidade, disse o abbade, desejava vê-lo.

— É dito e feito, exclamou Cuthbert. Pela minha fé eil-o ahi: mas como elle chegou, só o demonio sabe.

E apontava para um vulto alto no cimo da montanha, a alguma distancia d'elles.

— Fallae no mau, apparelhae o pau, observou o padre Haydocke. E traz comsigo o cão negro. Quem sabe se será a sua mulher debaixo d'essa forma!

— Nada, padre Haydocke, que eu bem conheço o cão, tornou Cuthbert, e bom caçador é elle; é o cão, senhor padre, de que estava fallando.

— Não me agrada o seu apparecimento n'esta occasião, disse o abbade; mas gostava de lhe fallar, e accusal-o das suas malfcitorias!

— Escutem, está cantando, exclamou o padre Haydocke.

E ouviram a canção dos peregrinos da Graça, accrescentada por elle, e em seguida uma gargalhada de escarneo.

— Pela Senhora de Whalley, escarnece de nós, disse o abbade. Manda-lhe uma setta para o calar, Cuthbert.

O couteiro assim fez; mas ou fosse que por acaso não fizesse bem a pontaria, ou porque a não quiz fazer, é certo que o Demdike ficou como estava. O reputado bruxo riu-se, tirou o barrete como agradecendo, e principiou a descer lentamente a montanha. Pouco depois parou, e traçou um circulo com o pau que sempre levava, pronunciou algumas palavras, que os seus espectadores supersticiosos tomaram por algum encanto, e poz uns boccados d'herva secca em tres logares dentro do circulo que tinha traçado, depois correu precipitadamente pela montanha abaixo, seguido do seu cão, e saltando o muro que se achava em baixo desapareceu.

— Vae ver o que elle fez, disse o abbade ao couteiro, que já não estou contente.

Cuthbert obedeceu; mas chegando ao lugar marcado disse que não via coisa nenhuma, mas em breve accrescentou que a terra mexia como um mar debaixo dos seus pés, e parecia que estava a desabar. O abbade então disse-lhe que seguisse o Demdike, e que lh'o trouxesse ahi. O couteiro desceu correndo a montanha, e desapareceu saltando o muro como tinha feito o outro.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

240. *Noeto*, intitulou-se um novo Moysés, e chamou-se Aarão. Não admittia em Deus senão uma pessoa; o que fez chamar a esta seita *Monarchicos*; porém reconhecia diversas operações e denominações. Foi condemnado nos concilios d'Epheso, em 245, e de Roma, em 257.

251. *Novaciano*, sacerdote de Roma, fez um scisma contra o papa Cornelio, e recusava a penitencia aos que caíam em peccado depois do baptismo, e prohibia as segundas nupcias. Foi numeroso o seu partido, que subsistiu por muito tempo, e foi fulminado nos concilios de Roma, no mesmo anno; no de Carthago, em o anno seguinte; e especialmente no de Nicea, em 325.

Manés, chefe dos Manicheos, seita muito extensa, que aturou por muito tempo, e dogmatizou. Era pagão, e persa de nação; porém converteu-se ao christianismo, e pouco depois se declarou seu mortal inimigo. Como outros muitos heresiarchas, que o tinham precedido, distinguia dois principios: um bom, e outro mau. Admittia tambem no homem duas almas: uma boa, e outra má. A carne era, na sua opinião, a obra do mau principio, e por consequente devia impedir-se o casamento e a procreação. Attribuia a lei antiga a este mesmo principio, e pretendia portanto que todos os prophetas estavam condemnados. Tratava de idolatria o culto das reliquias, e prohibia a crença de que Christo tivesse realmente padecido. Rejeitava todos os sacramentos, até mesmo o baptismo; e accrescentava a esta doutrina uma multidão de extravagancias. Sus-

tentava, por exemplo, que quem arrancasse uma planta, ou matasse um animal, seria transformado n'aquella planta ou animal. Por este motivo os seus discipulos, antes de comerem o pão, julgavam-se obrigados a uma especie de protestaçoão. Lançavam o pão ao ar, e maldiziam aquelle que o tendera e forneara, desejando-lhe que fosse semeado, ceifado e cozido como o pão que iam comer.

Manés tomava o nome de Paracleto, e fazia-se seguir de doze fanaticos, a que chamava os seus apóstolos. Dividia os seus sectarios em duas ordens: a uns chamava auditores ou ouvintes; e aos outros, eleitos. Eram estes ultimos os que possuíam o segredo dos seus abominaveis mysterios. Foram anathematisados n'um concilio que houve na Mesopotamia, no mesmo anno em que appareceram; e depois, Santo Agostinho descarregou o ultimo golpe n'esta seita.

312. *Donato*, bispo de *Casas Negras*, na Numidia, suscitou um scisma na Igreja de Carthago, e depressa se separou da fé catholica, negando a validade do baptismo dado pelos hereticos, e a infallibilidade da Igreja. Os seus erros foram combatidos fortemente por Santo Agostinho, e condemnados em muitos concilios.

315. *Ario*, sacerdote de Alexandria, pesaroso por não ser collocado na séde d'esta cidade, fez-se heresiarca. Ensinou que o Filho de Deus é a creatura e obra do Pae, capaz de virtude e devicio pelo seu livre arbitrio; e apoiava-se n'estas palavras de S. João: — «No principio era o Verbo» — e eis como sustentava esta doutrina: — «Não é certo, dizia elle, não é mesmo artigo de fé, que o Pae Omnipotente engendrou a Jesus Christo? Mas para o engendrar era preciso que elle não existisse. Portanto, Jesus Christo teve um principio no seu ser; e não se pode dizer que é eterno, sem uma evidente contradicção. Se não é eterno, é uma creatura como nós; e portanto deve ser subjeita ás mesmas leis.» — Este argumento seduziu muitas pessoas, e tão rapido foi o progresso do erro, que foi necessario convocar muitos concilios para o sustar. O principal foi o concilio geral de Nicéa, em 325. A seita de *Ario* deu nascimento a muitas outras, que todas foram anathematisadas, e a maior parte refutadas por Santo Athanasio.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXI

De como Manuel da Silva ordenou de dar tratos dos sobreditos a Alvaro Pereira.

Neste tempo estavam presos leigos e clerigos, por serem contra o serviço do Snr. D. Antonio.

Por não caberem na cadeia estavam alguns no aljube; e nelle estava preso um Alvaro Pereira, homem velho, já todo branco, muito avisado, de nobre geração, e rico. Era nesta ilha mamposteiro-mór dos Cativos, e nas ilhas de baixo; e lealdador-mór dos pasteis. Parece tinha delle culpas Manuel da Silva, por fallar contra o serviço do Snr. D. Antonio publica e secretamente; e dessimulava com elle, porque lhe queria tirar primeiro o dinheiro que tinha da remissão dos Cativos, sêgundo parecia. Tanto que o achou no rol de Melchior Affonso, o prendeu com os mais, e não o quiz dar sobre fiel carcereiro. Ordenou de lhe dar tormentos, e foi em um dia que deu a quatro ou cinco homens de fora desta ilha, ou eram das ilhas de baixo. Mandou vir ao ditto Alvaro Pereira da prisão por um alcaide e escrivão, e elle tinha no mosteiro da Esperança duas irmans freiras, e uma dellas era Abbadessa. Emparelhando o alcaide e escrivão defronte da portaria, abriam ellas as portas, e de dentro pediram todas ao alcaide lhe deixasse alli chegar seu irmão, para se apartarem delle. Chegou o alcaide e escrivão, e seus homens, e as freiras todas postas da banda de fora, com as portas abertas, em pranto com o irmão, e elle com ellas, e o alcaide e escrivão mettido entre as freiras, sem ellas se lhes dar disso, com o pranto do irmão; e as mais freiras algumas eram parentas, e tudo era choro; e Manuel da Silva estava a esperar. Acordou-se o alcaide do perigo em que se poz, que bem o poderam as freiras metter para dentro, e fecharem as portas, porque elle era homem velho, e não havia que estranhar. Poz-se o alcaide em pé na porta, por donde todas tinham saido, e lhes pediu lhe dessem licença para levarem o preso, que não fossem causa de alguns trabalhos seus, porque estava o Conde ja esperando por elle. De má vontade o deixaram ir, e elle o mesmo; e o escrivão dice á madre abbadessa, que em quanto elle se confessava mandassem cartas ao Conde Manuel da Silva do que lhes parecesse, e que podiam pedir licença aos padres de S. Francisco para irem por cima dos seus muros, que estavam ao longo do pomar dos paços; o que ellas logo fizeram uma carta, porque se lhe davam tormentos nelles houvera o velho de morrer. E quando Manuel da Silva dava os tratos dentro, não se abriam as portas a pessoa alguma. A abbadessa e discretas fizeram uma carta, porque tinham ellas fama de grandes servidoras do Snr. D. Antonio, e com esses serviços pediam ao Conde dilação no caso. Chegou o ditto Alvaro Pereira; perguntou Manuel da Silva como tardaram tanto; deu-se-lhe a escusa; calou-se; começou a fallar com o ditto Alvaro Pereira; perguntou-lhe a quem se queria confessar; dice que ao Licenceado Melchior Gonçalves de Antona, o qual era um dos deputados da Meza da Consciencia. Mandou-o chamar. Nestas detenças as madres não acharam quem trouxesse a carta, porque nenhuma pessoa a queria levar. Tinham uma mulata por nome Ignez Ro-

drigues: esta atrepeu os muros com duas cadeiras, e ajudas dos frades; e estando-se confessando o ditto Alvaro Pereira chegou a mulata e lhe metteu a carta na mão. Perguntou-lhe: *Por donde entraste? — Pela porta. — Quem te deixou entrar? — Ninguém. — Não te viram guardas?* E chamou o porteiro. Dice então o Licençado Melchior Gonçalves de Antona: *Esta moça é das madres da Esperança, muito servidoras d'el-rei D. Antonio, pelo qual fazem muitas orações de continuo. Lea Vossa Excellencia a carta, e saberá o que é, e a que vem; e tempo tem para fazer essoutro exame.* Ficou elle quieto, e se assentou, e leu a carta. Depois de lida teve vontade de fazer o que nella se pedia. Poz-se com a mulata a zombar, dizendo, que pelo atrevimento que tivera de entrar lá, que lhe mettessem os pés no tronco, e lhe pozessem umas servilhas novas. A mulata nem zombando o quiz ouvir; mas respondeu: *Snr. se eu mereço pena aqui estou; antes eu a tenha que o porteiro, que não tem culpa, pois eu não entrei pela porta: fui ao pomar dos fra-*

des de S. Francisco sem elles saberem nada, e por meus modos me aventurei a subir e descer os muros; e Deus nosso Senhor me ajudou sabendo ao que vinha. Ficaram todos espantados de tal affoiteza; e dice-lhe: *Ide; dizei ás Snr.^{as} madres, que o que me pedem lhes concedo; que muito mais farei por amor dellas.* Foi-se a mulata depressa a dar o recado, e lhe deram boas alviças, e o ditto Alvaro Pereira tornou para a prisão, onde esteve té a entrada da ilha.

Continua.

A mulher pode commetter a primeira falta por inexperiencia: se commette segunda, é por maldade; e então está habilitada para commetter mil.

A idade de oiro é um sonho: o mundo moral é, com pouca differença, o que sempre foi: o palco das ambições, o theatro de todas as paixões.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da *Illustração Luso-Brasileira*, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circumstancia não fez descoroçar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguém ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de simithante dolo, o proprietario da *Illustração* continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma *Illustração*, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remetidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do an-

no; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguém fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4\$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.